

Baker condena a securitização e defende a conversão da dívida

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker III, criticou ontem os programas destinados a oferecer uma "solução rápida" para o problema de dívida do Terceiro Mundo ou a securitização de empréstimos bancários.

Baker disse que essas abordagens de perdão de dívida são um "canto de se-reia" e classificou-as de não práticas e contraproducentes. "Esses programas meramente transferem o risco da dívida dos bancos privados para as instituições financeiras internacionais e seus governos-membros, que certamente não estão dispostos a aceitar", afirmou.

Em um comunicado energico ao Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional (FMI), Baker disse, em Washington, que os Estados Unidos se opõem a qualquer abordagem para resolver o problema de dívida que seja generalizada, global, financiada por governos credores ou compulsória em natureza.

Baker acrescentou que, apesar de o FMI e o Banco Mundial (BIRD) terem um papel central dentro da estratégia de dívida, é importante que se adaptem às circunstâncias em mudança enquanto se mantêm fiéis às suas missões básicas.

Especificamente, "deverão evitá-las criando expectativas não realistas sobre a disponibilidade geral de redução de dívida ou utilizar um país devedor para testar no mercado novas técnicas de financiamento que poderiam na verdade atrasar o exigido apoio externo", afirmou Baker.

Advertiu o FMI e o BIRD para que não cheguem ao extremo de "forçar suas próprias preferências aos devedores e bancos comerciais, enquanto incentivam ambas as partes para chegarem a acordo sobre as necessárias reformas e fi-



James Baker III

nanciamento em uma forma oportuna.

CONVERSÃO

Baker declarou que as técnicas de conversão de dívida, têm um papel cada vez mais importante na estratégia de dívida já que conseguem reduzir o período de vigência da dívida para alguns países, diminuir o atual ônus de serviço de dívida ou permitir a alguns bancos deixar o processo de financiamento coordenado, racionalizando e acelerando consequentemente a conclusão de novos "pacotes" de financiamento.

Os países latino-americanos, representados ante o Comitê Interino do FMI pelos ministros do Brasil, Mailson da Nóbrega, e da Argentina, Juan Sourrouille, insistiram nos mecanismos de mercado para diminuir a carga da dívida.

Atitude semelhante expressou o presidente do Comitê de Desenvolvimento do FMI-BIRD Bernard Chidzero, em entrevista coletiva, mantendo a tônica dos quatro dias de conversações em Washington marcadas, de um lado, pela presença de autoridades de dezenas de países e, de outro, por certa monotonia ante a ausência de idéias novas.

A conferência semi-annual do FMI-BIRD termina hoje com reuniões e entrevistas coletivas de ambos os comitês.

CAPITAL DO FMI

A comunidade financeira se mostrou dividida quanto ao aumento do capital do FMI. Baker rechaçou o aumento do capital e a emissão de Direitos Especiais de Saque (DES, unidade de reserva do fundo), solicita-

do pelo "Grupo dos 24", formado pelas nações devedoras, como forma de aumentar a liquidez da entidade multilateral e compensar a redução de empréstimos e investimentos do setor privado. O secretário considerou essas medidas desnecessárias.

Mas reconheceu que um número crescente de países está atrasado nos reembolsos de empréstimos ao FMI. Baker afirmou: "Desejaria chamar a atenção para o crescente número de atrasos no reembolso ao FMI".

Segundo o secretário norte-americano, esta situação poderá levar os países credores a relutar em fornecer mais recursos para o fundo, acrescentando: "Foram tomadas medidas para salvaguardar a posição financeira do fundo, mas ainda resta muito por fazer".

"Em face da gravidade da situação, consideramos conveniente que a direção executiva encaminhe um relatório ao Comitê Interino propondo medidas compatíveis com o caráter monetário do fundo, com visitas a eliminar os atrasos existentes e evitar novos atrasos".

Segundo o FMI, sete países são "inelegíveis" para receber novos créditos devido a seus atrasos: Peru, Guiana, Libéria, Ser-

ra Leoa, Sudão, Vietnã e Zâmbia.

Baker disse que apóia o adiamento até abril de 1989 do exame de aumento do capital do fundo e manifestou-se contrário a uma nova distribuição de DES.

A ECONOMIA MUNDIAL

A economia global continuará crescendo 3% ao ano em 1988 e em 1989, e enquanto as nações asiáticas avançam, as da América Latina continuam perdendo posições em relação a outros países, informou ontem o Fundo Monetário FMI.

Os países industrializados crescerão em 1988 numa média de 2,8% e no ano seguinte, 2,6%. Esse grupo cresceu 3,2% em 1986 e 3,1% em 1987.

Entretanto, as nações da América Latina, ainda dependentes dos produtos primários para suas exportações, crescerão 2,1% em 1988 e 3,5% em 1989, depois de avançar 4% em 1986 e 2,3% em 1987. Em cifras por habitante, a América Latina se manterá estagnada.

Em contraste, os países em desenvolvimento da Ásia, que baseiam sua expansão nas exportações de manufaturas, crescerão 6,9% em 1988 e 6,1% em 1989, depois de avançar 6,5% em 1986 e 6,8% em 1987.